

Imperadores flavianos, poética e retórica Flavian Emperors, poetics and rhetoric

*Leni Ribeiro Leite*¹

RESUMO

Os imperadores romanos da Dinastia Flaviana, em especial o último deles, Domiciano, têm sua imagem tradicionalmente encontrada nos relatos historiográficos construída a partir das obras em prosa do período seguinte, como as de Suetônio e Plínio, por exemplo, tomadas como textos informativos e transparentes. Sabemos, no entanto, com base nos estudos do sistema educacional romano, por um lado, e na prática oratória e retórica, por outro, como esses textos são trabalhados do ponto de vista da retórica e da persuasão. Este artigo busca analisar a representação de Domiciano, último imperador romano da Dinastia Flaviana, contrastando a sua imagem tradicional, construída a partir dessas obras, com aquela que aparece nos poemas de Marcial e Estácio. Procuramos, com nossa pesquisa, traçar um paralelo entre as duas imagens, analisando os instrumentos retóricos que constroem umas e outras fonte.

Palavras-chave: Roma Imperial. Dinastia Flaviana. Retórica flaviana.

ABSTRACT

The Roman Emperors of the Flavian Dynasty, specially the last one of the Domitian, have had their traditional image built on prose works of the following periods, such as Suetonius and Pliny's, for example, taken as informative and transparent texts. We now, however, from the studies on the Roman educational system and on their Oratorical and Rhetorical practice, that those texts were worked on from the point of view of rhetorics and persuasion. This paper aims at analyzing the representation of Domitian, last of the emperors of the Flavian Dynasty, contrasting his traditional image, based on the aforementioned works, with the one found in poetry composed during the Flavian Era, such as Martial's and Statius'. In this paralell, we try to take into consideration the rhetorical elements that help build the first and the second sources.

Keywords: Imperial Rome. Flavian Dynasty. Flavian Rhetoric.

¹ Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil. E-mail: leni.ribeiro@gmail.com.

Domiciano na tradição historiográfica

Esta pesquisa nasce de uma inquietação acerca de duas afirmações, comuns na fortuna crítica dos autores latinos Marcial e Estácio: por um lado, a de que o imperador da época em que ambos os autores viveram e produziram suas obras, Domiciano, era um tirano, sob o qual apenas a subserviência seria a única opção; por outro, que a frequência com que o elogio aparece em obras acerca do imperador seria reflexo da bajulação, uma prática vergonhosa a que os poetas se viam obrigados, índice da tirania do soberano, sempre ou encomendada ou falsa.

Mas, afinal, quem foi Domiciano? Último imperador da Dinastia Flaviana (69-96), Domiciano chegou ao poder após a guerra civil do chamado Ano dos Quatro Imperadores; foi precedido por seu irmão, Tito (79-82), que tinha sido, por sua vez, precedido pelo pai, Vespasiano (69-79). Domiciano governou entre 82 e 96, e é representado como um imperador mau, sanguinário, belicoso, invejoso, avarento. Com esta imagem de Domiciano em mente, o enfrentamento e leitura dos textos de Estácio e Marcial, ambos poetas que viveram sob o imperador e estariam portanto sujeitos à sua presença sufocadora, despertou-nos surpresa: por um lado, pela pouca presença de fato do imperador nos poemas como mecenas ou tema, e na verdade maior presença de um grupo social enriquecido, cujos membros eram ou não ativos na vida política; por outro lado, pela representação um tanto mais positiva da figura do imperador que surge nos textos poéticos, em comparação com os textos historiográficos. A questão nos levou à observação de que as imagens dos imperadores são, em geral, construídas a partir dos textos em prosa, legados pela tradição como historiográficos.

Nos últimos trinta anos, a imagem mais tradicional de Domiciano, assim como a de outros imperadores, tem sido revista e lentamente modificada. A

revisão da imagem de Domiciano tem, talvez, como mais importante marco o livro de Brian Jones, de 1992, que recolhe artigos e outras contribuições escritas pelo autor por vários anos em uma biografia do imperador, que pesa diversas fontes do período ou de períodos posteriores, e leva mais em consideração, por exemplo, o papel dos “cortesãos” (como chama Jones), ou seja daqueles que estão à volta do imperador. Essa ênfase no papel dos aristocratas, mais do que do imperador, tem sido uma das tônicas dos trabalhos mais recentes também no Brasil sobre esses imperadores (cf FAVERSANI & JOLY, 2013; BELCHIOR). A busca por uma visão mais equilibrada de Domiciano leva a outras observações interessantes, como por exemplo a extensão de seu governo: quinze anos, o terceiro mais longo até então. É difícil crer que um imperador tão pouco popular pudesse ter ficado por tanto tempo no poder. Também se descortinam algumas das possíveis razões para esta permanência: durante o governo de Domiciano, a economia foi fortalecida e um programa arquitetônico e cultural foi estabelecido em Roma, a tal ponto bem-sucedido que muitos dos monumentos ainda hoje considerado sinônimos de Roma são de fato do período flaviano: o Coliseu e o Arco de Tito, apenas para citar alguns.

Domiciano, o imperador tirano, não foi porém criação da historiografia moderna; ele está nas fontes antigas mais costumeiramente compulsadas, a saber: Tácito (56-120), *Agricola* e *Histórias*; Plínio, o Jovem (61-113), *Panegírico a Trajano* e *Cartas*; Suetônio (c.69-122), *Vida dos Doze Césares*; Dion Cássio (155-235), *História de Roma*. Como se pode observar, mesmo quando se trata dos contemporâneos ao imperador, isto é, Tácito e Plínio, suas obras não foram escritas durante o período flaviano, e sim depois, sob a dinastia seguinte. A historiografia moderna, que usa essas fontes quase exclusivamente, faz parecer que não restaram obras contemporâneas ao período flaviano, e que estamos nós restritos a relatos posteriores pelos azares da transmissão textual, sujeita às vicissitudes do tempo. Não é verdade porém; temos obras de ao menos três

autores contemporâneos a Domiciano: Estácio (c.45-c.96), Marcial (c.40-c.103) e Juvenal (c.55-c.130) – isso se desconsideramos Flávio Josefo por ter escrito em grego.

Por que estes autores são em geral desconhecidos dos historiadores e não contribuíram para a formação da imagem tradicional de Domiciano? Podemos sugerir uma razão que nos parece plausível: o gênero textual. Marcial, Estácio e Juvenal escreveram em versos exclusivamente, e a poesia como fonte historiográfica é tradicionalmente desprestigiada. No entanto, isso demonstra desconhecimento dos princípios retóricos que regiam os textos da Antiguidade.

A retórica era a disciplina fundamental no ensino da elite romana já a partir do século I a.C., entendida não apenas com o sentido nosso contemporâneo, de ornamento, mas como a arte de bem escrever e falar, essencial para a vida pública do cidadão romano. Desde a sua chegada a Roma, vinda da Grécia no século II a.C., a retórica ganhou papel fundamental na construção das identidades sociais, exercendo grande influência no desenvolvimento dos diversos gêneros textuais romanos (DOMINIK; HALL, 2007, p. 3). Isso significa dizer que tanto o texto poético como o texto em prosa da Antiguidade estão ambos regidos pelas regras da retórica, e são documentos cuja interface social se dá pela compreensão compartilhada entre escritor e leitor das regras de construção textual, de forma que, conforme afirma Habinek (1998, p. 62), o artefato literário “carrega consigo vários tipos de poder: o poder de impor uma diferenciação de status, de restringir as crenças e condutas humanas, e o de resolver as disputas sobre valor”. O texto historiográfico romano é um documento tão digno de representar as realidades sociais como o texto literário, dado que ambos se realizam no mesmo interdiscurso; de fato, apenas de forma anacrônica podemos fazer esta divisão quando se trata de textos da Antiguidade, visto que não havia, para os romanos, uma diferenciação dada nesses termos. Cada autor constrói, a partir da base comum

retórica e do que é mais adequado a seus fins, os elementos necessários para sua narrativa e seu gênero textual.

Isso significa, a rigor, entender que há vários Domicianos, tantos quantos forem as fontes consultadas. Sem pretensão alguma quanto a uma incapturável “intenção do autor”, entendemos que esses Domicianos dependem do gênero a que o texto se filia e dos procedimentos retóricos constituintes do gênero em questão. Logo, o verdadeiro Domiciano jamais será qualquer um deles, e cada Domiciano existe pelas razões de decoro do texto em que se encontra. Passamos assim a buscar entender, de maneira breve, os contrastantes Domicianos que encontramos nos diferentes textos, e suas razões de ser.

O Domiciano de Suetônio, Tácito e Plínio

Suetônio nasceu, tudo leva a crer, no ano 69, o famoso Ano dos Quatro Imperadores. Isso quer dizer que, à época da morte de Domiciano, ele teria 27 anos, tendo vivido toda a sua vida sob a Dinastia Flávia. Suas obras porém, foram escritas já sob os Antoninos. Cabe aqui lembrar que logo após o assassinato de Domiciano, em 96 d.C., e a ascensão de seu conselheiro, Nerva, Domiciano sofreu a *damnatio memoriae*, ou seja, o apagamento oficial de seu nome em todo documento ou monumento oficial. Todo texto produzido após sua morte existe sob o peso desta *damnatio* e sob o impacto da necessidade de auto-afirmação da dinastia sucessora.

Kathleen Toohey (2015) observa que as fontes antigas se preocupam com Domiciano já no poder, sendo difícil traçar um panorama do início da carreira política de Domiciano. Suetônio diz muito pouco da infância do imperador, exceto que havia rumores de que havia passado em pobreza o que conforme já comprovaram Jones (1992) e Morford (1968), não é possível. Qual a função

textual, portanto, para que Suetônio procure estabelecer logo no início de sua *Vita Domitiani* que Domiciano teria nascido de família pobre?

1. (...) *Pubertatis ac primae adulescentiae tempus tanta inopia tantaque infamia gessisse fertur, ut nullum argenteum vas in usu haberet; (...) ceterum omnem vim dominationis tam licenter exercuit, ut iam tum qualis esset ostenderet. Ne exsequar singula, contrectatis multorum uxoribus, Domitiam Longinam Aelio Lamiae nuptam etiam in matrimonium abduxit (...)*

Diz-se que viveu, na época da puberdade e da primeira adolescência, em tamanha pobreza e infâmia, que não tinha sequer um jarro de prata em uso; (...) além disso, usou de força de dominação [tirania] de forma tão livre que já demonstrava quem viria a ser. Não contarei uma por uma, mas depois de seduzir muitas mulheres, casou-se com Domícia Longina, que já era casada com Élio Lamia (...)
(Suetônio, *Vita Domitiani*, 1.1)²

Na sequência do texto, o Domiciano pintado por Suetônio é marcado pela falta de piedade filial e de lealdade familiar, além de apresentar um caráter solitário e dado à crueldade.

2. (...) *Patre defuncto, diu cunctatus an duplum donativum militi offerret, numquam iactare dubitavit relictum se participem imperii, sed fraudem testamento adhibitam; neque cessavit ex eo insidias struere fratri clam palamque, quoad correptum gravi valitudine, prius quam plane efflaret animam, pro mortuo deseri iussit. (...)*

3. *Inter initia principatus cotidie secretum sibi horarum sumere solebat, nec quicquam amplius quam muscas captare ac stilo praeacuto configere; ut cuidam interroganti, essetne quis intus cum Caesare, non absurde responsum sit a Vibio Crispo, ne muscam quidem. (...)*

2. Após a morte do pai, por algum tempo considerou oferecer aos soldados o dobro do pagamento [que o irmão], e nunca deixou de sugerir que era a ele devida parte do império,

² Todas as traduções do latim neste artigo, exceto quando houver indicação em contrário, são de nossa autoria.

mas que houve fraude no testamento; e não cessava de tramar contra o irmão por isso, secreta e abertamente, o qual, tomado por moléstia grave, antes que desse seu último suspiro, ordenou que fosse proclamado morto.

3. No início do seu principado, cotidianamente costumava passar horas sozinho, sem fazer nada a não ser capturar moscas e matá-las com uma caneta afiada; por isso, a uma pessoa que perguntou se havia alguém lá dentro com o César, Víbio Crispo disse, com razão, que não havia nem mesmo uma mosca.

(Suetônio, *Vita Domitiani*, 2-3)

A crueldade de Domiciano é também realçada por outros autores, como Tácito. Nas *Histórias* (3.74; 3.82) de Tácito, na narrativa sobre a participação de Domiciano na chegada ao poder de seu pai, há uma marcada acusação de covardia, e no *Agrícola* (45), ele usa de boatos para associar Domiciano à crueldade como característica principal, como vimos em Suetônio. Em Tácito, Domiciano é igualado a uma besta selvagem, um verdadeiro tirano como aqueles do passado, narrados por Cícero e Tito Lívio.

O motivo do tirano também aparece no *Panegírico a Trajano*, de Plínio, tradicional fonte de informação sobre Domiciano, uma vez que o discurso pliniano é construído de forma que o elogio de Trajano se faz na comparação e por contraste com Domiciano, o mau imperador, o tirano. Assim, por exemplo, o fato de que Domiciano exigia ser chamado por *dominus et deus* (senhor e deus) é usado por Plínio para sublinhar a natureza tirânica do imperador:

Nusquam ut deo, nusquam ut numini blandiamur: non enim de tyranno, sed de cive; non de domino, sed de parente loquimur. Unum ille se ex nobis, et hoc magis excellit atque eminet, quod unum ex nobis putat; nec minus hominem se, quam hominibus praeesse meminit.

Em lugar algum como deus, em lugar algum como nume o elogiamos; claro, pois falamos não de um tirano, mas de um cidadão; não de um senhor, mas de um pai. Um entre nós ele se considera, e nisso mais se eleva e brilha, pois não se esquece

que é um homem, ainda que líder de homens. (Plínio, *Panegírico*, 2.2)

Em Plínio, como em Tácito e Suetônio, a descrição de Domiciano é marcada por *saevitia* (selvageria) e *crudelitas* (crueldade); o imperador era culpado de *avaritia* (avareza) e *cupiditas* (ganância); estabeleceu um reinado de terror e medo; é o equivalente, enfim, à descrição de um tirano que aparece, por exemplo em Cícero, no *De Officiis* (3.32) ou no *Ab Urbe Condita* de Tito Lívio (29.17.11-12). É esta aproximação que nos dá a primeira pista da construção retórica da imagem de Domiciano, que pode parecer verdadeira porque reforçada por mais de um autor, mas é posta em dúvida quando se observa que essa descrição aparece em outros autores, referida a outras personagens históricas. Em vez de estarem de fato descrevendo uma personagem histórica com suposta fidedignidade, o que os historiógrafos estão fazendo é se apropriando dos modelos e das personagens-tipo providas pelos esquemas retóricos – dos quais também beberam outros autores – para construir uma personagem não verdadeira, mas *verossímil*, que é o que a retórica aristotélica prevê.

Outros indícios dessa retoricidade do texto dito historiográfico da Antiguidade estão nos próprios textos e nos manuais de retórica do período. Assim, por exemplo, tanto Tácito como Plínio têm como estrutura retórica principal em seus textos a justaposição de virtude e vício: no primeiro, seu sogro, Agrícola, é o exemplo de virtude realçado sobre o pano de fundo do vício de Domiciano; no segundo, Trajano é o beneficiado. Mas a natureza retórica da comparação é muito evidente: a própria crítica já mencionada ao título *dominus et deus* parece pouco sincera quando se observa que, apenas no livro 10 de cartas, Plínio se refere a Trajano como *domine* oitenta e duas vezes.

Assim como a acusação de tirano, o tema do medo e da animosidade de Domiciano, particularmente fortes em Plínio, são lugares-comuns usados com

frequência para falar da vida e das ações de pessoas que se quer condenar: na *Conjuração de Catilina*, de Salústio, por exemplo, vários desses *topoi* também aparecem, incluindo o da selvageria e crueldade. As qualidades de Domiciano, que nele são vícios, em outras personagens são virtudes, também atestando para a construção retórica do elogio e do vitupério. Plínio (*Pan.* 41) critica tanto Domiciano como Trajano pelo tamanho das doações feitas à população mais pobre; no entanto, Domiciano é o tirano que deseja apenas comprar o favor popular, enquanto Trajano peca apenas porque é generoso em excesso.

A retoricidade das construções textuais de Tácito, Plínio e Suetônio tornam-se evidentes, portanto, na comparação desses textos com outros textos historiográficos que tratam de temas diferentes com os mesmos mecanismos; e também a partir da leitura comparada com os manuais de retórica. É ainda mais evidente, porém, quando lidos esses textos em conjunto com as fontes contemporâneas a Domiciano, como os poetas Estácio e Marcial, que nos apresentam outros Domicianos.

O Domiciano de Marcial e Estácio

A poesia epigramática, por sua característica de poesia de ocasião, trata de temas cotidianos com muita frequência. Assim, na extensão de sua obra de quinze livros, Marcial louva os bons imperadores, em geral, e Domiciano, em particular, em uma parcela de sua produção epigramática: destacamos em especial os poemas 2.2, 5.19, 7.6, 8.65, 6.2, 9.7, e o prefácio ao livro 8. A poesia de louvor imperial não é, porém, uma parcela majoritária: de fato, para um tirano sufocante, o imperador é bem discreto, aparecendo em menos de 10% da obra. Ainda assim esses poemas parecem ter sido muito efetivos, já que a crítica produziu uma boa quantidade de juízos negativos a respeito do poeta e de seu caráter – ou do imperador. O problema, claro, é que assim como ocorre com os

textos historiográficos, os juízos de valor se baseiam apenas na leitura dos poemas, ignorando o fato de que eles são escritos de acordo com padrões genéricos prescritos em preceptivas poéticas e retóricas que eram indispensáveis à época. Como aponta Cairolli (2011), este tipo de crítica biografista desconsidera aspectos relevantes da prática letrada do período em que a obra foi composta. Entre estes aspectos relevantes, ressaltamos aqui os preceitos do *epidítico*, gênero retórico que trata do louvor e do vitupério, tipo de retórica em ascensão no período de Marcial e que chegará a seu ápice, talvez, no século III, como sugere a coleção de *Panegyrici Latini* a nós legada.

Assim, ao ler um poema como o que se segue, é preciso ter em conta que poeta e público estão lendo dentro de preceitos genéricos bem conhecidos por todos, e que regulamentam um texto elogioso como este:

*Delicias, Caesar, lususque iocosque leonum
uidimus — hoc etiam praestat harena tibi —
cum pressus blando totiens a dente rediret
et per aperta uagus curreret ora lepus.
Vnde potest auidus captae leo parcere praedae?
Sed tamen esse tuus dicitur: ergo potest.*

Vimos, César, delícias, gracejos e jogos
dos leões - até isso a arena te oferece -
quando a lebre fugia da branda mordida
perambulando pela boca aberta.
Como pode um feroz leão poupar sua presa?
Diz-se porém que é teu: logo, ele pode
(Marcial 1.14, trad. Fabio Cairolli)

Porque imbuídos da imagem do Domiciano tirânico, muitos comentaristas modernos querem ver uma crítica velada ou ironia neste tipo de poema. Ao contrário, concordamos com a opinião de Cairolli (2011), que vê aqui um elogio ao imperador. Ao retratar um leão que é capaz de deixar uma lebre fugir de suas garras, ligando este leão ao imperador, ele transfere ao leão

uma virtude que é própria dos imperadores, a clemência. Em outros poemas, que não traremos textualmente pela exiguidade do espaço, há outras das virtudes cardinais da retórica. Ao ler o poema sob a égide da retórica, fugimos de alguma forma do embaraço de alguns comentaristas ao tentar explicar por que razão o elogio a Domiciano é dissimulação ou ironia velada, mas o louvor de Nerva ou Trajano, também feito por Marcial, é autêntico. Da mesma forma, outros elementos encontrados em textos do tipo retórico epidítico, como a negociação com o poder, tal como faz Plínio no *Panegírico*, se encontram na poesia de Marcial.

Estácio, outro contemporâneo a Domiciano, em especial nas *Silvae*, também poemas de ocasião, foi igualmente lido pela crítica posterior como um bajulador sem escrúpulos, louvando um mau imperador. Do conjunto de trinta e cinco poemas de curta e média extensão de sua coleção, Domiciano aparece de fato em oito deles, ou seja, em cerca de um quinto dos poemas, a saber: as *Silvas* 1.1 (Estátua equestre de Domiciano), 1.6 (As Calendas de Dezembro), 2.5 (O leão manso), 3.4 (O cabelo de Flávio Earino), 4.1 (O 17o consulado de Domiciano), 4.2 (Agradecimento a Domiciano), 4.3 (A Via Domiciana) e 5.1 (Epicédio de Priscila, Consolação pela morte de Priscila).

O Domiciano de Estácio é, também, bem mais agradável do que o monstro de Plínio. No poema 1.6, narram-se os banquetes oferecidos pelo generoso imperador para celebração das *Saturnalia*, festividades ocorridas no mês de dezembro:

*Ecce autem caveas subit per omnis
insignis specie decora cultu
plebes altera, non minor sedente. 30
hi panaria candidasque mappas
subvectant epulasque lautiores;
illi marcida vina largiuntur:
Idaeos totidem putes ministros*

(...) *sinusque pleni
gaudent dum nova lucra comparantur. 80
tollunt innumeras ad astra voces
Saturnalia principis sonantes,
et dulci dominum favore clamant*

Eis que surge por entre as fileiras,
de incrível beleza e bem vestido,
um novo grupo, não menor do que o sentado.
Uns trazem cestas de pães e guardanapos alvos
e mais lautos acepipes;
outros servem à vontade vinhos temperados;
parecem tantos escansões do Ida.

(...) e os bolsos cheios se alegram
enquanto checam seus novos presentes.
Inúmeras vozes se elevam aos astros,
proclamando a Saturnália do imperador,
e clamam o seu mestre com doce aplauso.
(Estácio, *Silvae*, 1.6.28-34; 79-83)

A liberalidade de Domiciano, o mestre que merece doce aplauso, representada como falta de moderação por Suetônio, é aqui muito diferente, descrita como generosidade e alegria em um dia de festa. A *liberalitas*, que lá era um vício, aqui é uma virtude. E são outras ainda as virtudes de Domiciano, capaz de se sensibilizar por exemplo com o falecimento precoce da esposa de um amigo, como no poema 5.1:

(...) *notat ista deus qui flectit habenas
orbis et humanos propior Iove digerit actus,
maerentemque videt; lectique arcana ministri
hinc etiam documenta capit, quod diligis umbram 40
et colis exsequias. hic est castissimus ardor,
hic amor a domino meritis censore probari.*

O deus que segura as rédeas do mundo
e dirige as ações humanas mais de perto do que Jove
observa tudo isso e te vê chorando; e porque amas o espírito
dela
e cultuas o seu sepulcro, ele encontra evidências
do valor de seu servo escolhido. Este é um fogo castíssimo,

este amor é digno de ser aprovado por nosso censor e mestre.
(Estácio, *Silvae*, 5.1.37-42)

Segundo Dominik (2016), dentre os aspectos que unem Marcial e Estácio, muitos são os pontos de contato entre esses autores quanto à representação da vida cotidiana, como estratos sociais, patronato, valor simbólico da arquitetura e das artes romanas, enfim, a vida sob Domiciano. Concordamos com o autor quando ele afirma que Marcial e Estácio projetam uma visão essencialmente conservadora e hierárquica da sociedade romana, mas os imperadores aparecem em ambas as obras, de forma positiva, não apenas presentes mas propiciando um clima benévolo e afável aos poetas.

Logo, quem é o Domiciano de Marcial e Estácio? Estes autores criam uma representação de Domiciano em que elogiam as virtudes do imperador, como a clemência e a liberalidade, dentro do esquema tradicional de virtudes romanas. Eles utilizam com frequência os epítetos e nomes do imperador, como Germânico, assumidos após guerras, inserindo-o na tradição, realçam as relações entre o imperador e os deuses, em especial Júpiter e Hércules, e registram os feitos do imperador, não só na guerra como na proteção da religião (erguendo templos), da moralidade (com legislação contra o adultério, contra a castração), com a paz, enfim, com o engrandecimento moral e físico de Roma

Em suma, temos claramente outro Domiciano. Mas se engana quem acha que defendemos este ou aquele Domiciano como o real - são, todos, construções retóricas, apropriadas para seus gêneros e lugares. Assim, mais proveitoso é iluminar as razões da criação retórica destes autores, voltando os olhos para a retórica do elogio na Antiguidade.

O epidítico segundo Menandro, o retor

Se lembrarmos que toda a produção letrada da Antiguidade segue preceitos retóricos, e que isso é verdade também para a produção encomiástica ou vituperiosa, os procedimentos de representação de Domiciano se esclarecem. Usaremos como exemplo único para este trabalho o conjunto de Tratados de Retórica Epidítica, de Menandro, o Retor. Apesar de muito posterior a todos os demais autores romanos citados, Menandro é o responsável por compilar o que cremos ser uma longa tradição, desenvolvida desde o século primeiro, de formas apropriadas para o elogio e para seu contrário na sociedade letrada. Nos tratados de Menandro, encontramos preceitos específicos para o encômio do imperador. Esses procedimentos – que, no caso de vitupério, devem ser usados no seu negativo – coincidem com o que vemos em Marcial e Estácio e, pelo negativo, com o modo como Suetônio, Tácito e Plínio se referem a Domiciano.

Como exemplo, Menandro afirma que se deve elogiar, no imperador, sua justiça e, dentro da justiça, a amabilidade para com seus súditos. Vimos como Estácio retrata a empatia de Domiciano para com um súdito que perde a esposa; Marcial da mesma forma realça a feição plácida de seu rosto e sua generosidade com os que a ele rogam; Suetônio fala de sua solidão, de sua crueldade, do medo de todos. Mais adiante, Menandro sugere que se elogie a temperança do imperador e suas benesses para com o povo, tais como a oferta de espetáculos: quanto a Marcial, basta dizer que um livro inteiro de seus epigramas é dedicado aos festivais promovidos quando da inauguração do Anfiteatro Flávio. Vimos em Estácio o elogio aos banquetes; vimos também em Plínio a crítica ao excesso de generosidade do imperador. Logo depois, Menandro sugere que se elogie o imperador ao compará-lo com seus antecessores, que é o que Plínio faz cabalmente para elogiar Trajano, cabendo a Domiciano o papel de comparado;

mas também o faz Marcial, para lucro de Domiciano, que tem o pai, Tito, louvado, cabendo a Nero o exemplo de mau imperador.

Por fim, lembramos o que diz Menandro sobre o elogio à infância e juventude do imperador, que deve estar próximo do início do texto. Este ponto não foi ignorado por Marcial, que destaca vitórias juvenis de Domiciano (epigramas 2.2 e 9.101, por exemplo). Mas, como vimos no início deste artigo, não foi também esquecido por Suetônio, que começa a *Vita Domitiani* com o vitupério da infância e da família de Domiciano. Por que, perguntamos no início do texto, Suetônio teria interesse em falar mal da família de Domiciano? A resposta é simples: porque está previsto, como expediente retórico adequado, de preparação do texto. Ao iniciar a *Vita* apontando a indignidade da família, ele anuncia ao leitor o tipo de texto que virá: de gênero epidítico, na chave do vitupério.

A comparação entre as imagens dos imperadores flavianos, e a constatação de seu contraste, tem-se realizado também a partir de outros documentos, tais como as obras de Flávio Josefo e Dion Cássio. Javier Andreu (2014) tem se dedicado a demonstrar como a imagem da dinastia dos Flávios se realiza na epigrafia e na arquitetura, de maneira diversa daquela que se encontra na historiografia tradicional. Buscamos apresentar aqui como um caminho possível a leitura da retórica antiga, em especial pensando o texto epidítico, como forma de iluminar a estrutura de certos tipos de texto, talvez mais opacos para as nossas sensibilidades modernas, mas perfeitamente encaixados na dinâmica cultural, social e política do Império Romano.

Referências bibliográficas

ANDREU PINTADO, Javier. *Stabilire primo, deinde et ornare: los emperadores Flavios entre las fuentes literarias y las epigráficas*. **Classica Boliviana**, VI, 2014, pp. 205-230.

BELCHIOR, Ygor Klain. **Nero: bom ou mau imperador? Retórica, política e sociedade em Tácito (54 a 69 d.C.).** Curitiba: Prismas, 2015.

CAIROLI, Fabio P. A imagem de Domiciano em Marcial e em moedas de seu tempo. In: MARTINS, P.; CAIRUS, H. ; OLIVA NETO, J.A.(org). **Algumas visões da Antiguidade.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p.62-87.

DOMINIK, William. Epigram and Occasional Poetry: Social Life and Values in Martial's *Epigrams* and Statius' *Silvae*. In: ZISSOS, Andrew. **A Companion to the Flavian Age of Imperial Rome.** Wiley-Blackwell, 2016. p. 412-432.

DOMINIK, William; HALL, Jon. Confronting Roman Rhetoric. In: DOMINIK, William; HALL, Jon. **A Companion to Roman Rhetoric.** Malden: Blackwell, 2007. p. 3-8.

FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio Duarte. Tácito, sua Vida de Agrícola e a competição aristocrática no Alto Império Romano. **Mnemosine**, Campina Grande, v. 4, p. 133-147, 2013.

GARTHWAITE, John. The Panegyrics of Domitian in Martial Book 9. **Ramus** 22, p. 79-102, 1993.

HABINEK, Thomas N. **The Politics of Latin Literature: Writing, Identity and Empire in Ancient Rome.** Princeton: Princeton University, 1998.

JOHANSSON, Britta Signe. **Damning Domitian: A Historiographical Study of Three Aspects of His Reign.** University of Queensland, 2013.

JONES, Brian W. **The Emperor Domitian.** London: Routledge, 1992.

MARCIAL. **Epigramas.** Tradução de Delfim Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira. Introdução e notas de Cristina de Sousa Pimentel. Lisboa: Edições 70, 2000-2004. 4 v.

MENANDER RHETOR. On epideictic. Translated by Donald Andrew Russell e Nigel Guy Wilson. In: RUSSELL, Donald Andrew; WILSON, Nigel Guy. **Menander Rhetor: a commentary.** Oxford: Clarendon, 1981. p. 1.225.

MORFORD, M. P. O., The Training of Three Roman Emperors. **Phoenix**, 22, 1968, pp. 57-72.

PLÍNIO, O JOVEM. Panegírico de Trajano. In: GIRON, Lucas Lopes. **Panegírico de Trajano**: tradução e estudo introdutório. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Letras Clássicas. São Paulo, 2017, 161p.

PLINY. **Complete letters**. Translation by Peter Gerard Walsh. New York: Oxford, 2006.

SALÚSTIO. **Conjuração de Catilina**. Trad. Adriano Scatolin. São Paulo: Hedra, 2015.

SOUTHERN, Pat. **Domitian**: Tragic Tyrant. London: Routledge, 1997.

STATIUS. **Silvae**. Ed. D.R. Shackleton Bailey. Cambridge, Massachussets: Harvard University, 2003.

STRUNK, Thomas E. Domitian's Lightning Bolts and Close Shaves in Pliny. **The Classical Journal**. 109.1, 2013, p.88-113.

SUESS, Jessica. **Divine Justification**: Flavian Imperial Cult. Oxford: Oxford University, 2011.

SUETÔNIO. **A vida dos doze Césares**. Trad. Sady-Garibaldi. São Paulo: Ediouro, 2003.

TÁCITO. **Anais**. Tradução de Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1964.

TOOHEY, Kathleen. **Domitian Rise to Power**. 2015. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/280734756_Domitian's_Rise_to_Power. Acesso em 22 out.2017.

Recebido em setembro de 2018.

Aprovado em setembro de 2018.